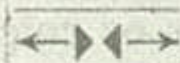


DEDICADO

Ao nosso amado «Zé» que sofre a triste sina de já ter «pópó» mas não ter gasolina...



Festas Nicolinas de 1973

De novo, meus senhores, a tropa nicolina
 Revive em velho burgo antiga Tradição:
 A Festa sendo nossa a todos vós anima
 Pois ela vive há muito em vosso coração!
 Por isso aqui estou cumprindo minha sina
 De rouquejar p'ra vós um enorme Pregão
 Que vai por certo ser ouvido até na China
 Na América Central, talvez no Paquistão...

Já anda de Minerva a corte alvoroçada
 Alegre por saber que a nossa Comissão
 Foi junto ao Chafariz em tarde ensolarada
 Escolhida por nós em livre votação...
 E porque a Festa estava há muito programada
 As Santo reiterada a nossa devoção
 Quizemos nós na Festa meter a colherada
 Dar-lhe novo cariz e certa evolução:

Resolvemos findar de vez a Roubalheira
 Que era original e alegre no Passado
 Mas hoje tão corrente e mesmo corriqueira
 Que já ninguém repara quando é roubado!
 Resolvemos também fazer mais barulheira
 E botar o Pregão este ano amplificado
 Para que possa ouvi-lo a Cidade inteira
 Nosso burgo afonsino às Taipas alargado!

Hoje andam pelo Céu antigos pregoeiros
 Que eram bons também em trovas e pielas
 A recitar em Bando os sonhos mil fagueiros
 Que santamente inspiram santas às janelas...
 Os anjos voltando à volta dos focheiros
 Acendem pressurosos pequeninas velas
 Porque o velho Sampaio e outros mais matreiros
 Deram à S'ora Aninhas um colar de estrelas!

Que se reuna pois do Povo a Assembleia
 E connosco se alegre e una em oração
 Por quantos a memória agora se incendeia
 E do longínquo Céu ouvem este Pregão:
 Desta saudade imensa a Festa se rodeia
 Mortos e ausentes juntos de nós estão
 Erguendo do Passado a chama que se alteia
 Da Nicolina Festa a Força e a Razão!



Apolo trava o carro e pára o astro-rei
 E mais quanto rabeia em espaços siderais:
 Pararam para ouvir aquilo que direi
 Nesta tribuna livre em frases liberais!
 Que nosso Santo é um defensor da Grei
 Sabe um pouco de tudo e urge que saibais
 Que há muito no Pregão define sua Lei
 Sem nunca recorrer a outros editais...

Se para os vivos é a fala neste dia
 Nenhum dos presentes vai abanar orelhas
 Que por maior que seja a nossa nostalgia
 Vamos aqui soltar duas verdades velhas
 Que só São Nicolau dizer se atreveria:
 Não nos entenderão carneiros nem ovelhas
 Nem outros animais pobres de fantasia
 Que só sabem mandar os coices às parelhas!

Vinde todos ouvir de Nicolau a Lei
 A crítica mordaz, o apelo infinito
 Que tudo que for dito e quanto aqui direi
 Deve ter finalmente a forma dum só grito!
 Daquilo que disser apenas falarei
 Do que em alto falar vos poderá ser dito:
 O resto é só p'ra nós, o resto calarei
 Pois por abrir a boca há muito peixe frito...

O silêncio, meu Povo, agora essencial
 Para se ouvir a voz de El-Rei aqui presente
 Neste Pregão que vai, alegre e ritual
 Como o quer Nicolau, o nosso santo lento
 Curar de riso uns, a outros fazer mal
 Conforme for ouvido e consoante a gente
 Que dele fizer uso assaz medicinal
 Ou uso mais discreto e bem menos decente...

Vivam as passadeiras e as tabuletas
Sentido proibido e não estacionar;
Virar à esquerda não, nisso nunca te metas
A frente também não se queres circular...
A marcha atrás é hoje sonho de jarretas
Que andam por aí prontos a atropelar
Qualquer peão que tenha reuma nas canetas
E atravesse a rua um pouco devagar...

Devemos caminhar na recta direcção
Que é velho Nicolino o Comandante Melo
E quem quizer seguir para a nossa Estação
Nada lhe custará passar pelo Castelo...
Isto de circular requer circulação
E se alguém resmungar fique já a sabê-lo:
Pode ir a Azurém sem ir à Abação
Pode ir a Pevidém sem passar no Motelo!

E porque andar a pé hoje não é decente
E vai de pessoal a Esquadra desfalcada
Há um carro pintado de azul reluzente
Que anda sempre a dar a volta costumada!
Parece que adivinha, parece que pressente
Quando o Zé vai mancar o Código da Estrada:
Ultrapassa o cristão, pára suavemente
E são quatro a passar a multa apropriada!

Porém à Sexta-feira e junto do mercado
A Polícia lá está na humana serventia
De encaminhar o Zé dum para o outro lado
A preservar-lhe a vida e sua economia:
Não vá às vezes ser o bife atropelado
O garrafão sofrer accidental sangria
E descobrir o Zé, no chão estatelado
Quanto mesmo no chão o bacalhau subia...

Que esta coisa de ir às Sextas ao mercado
Representa do povo estranha teimosia
Pois não pode lá ir com dinheiro trocado
Dada a falta de tudo e a louca carestia!
Deve o dia da praça ser antecipado
Para Segunda-feira, o que permitiria
Sair o povo assim mais beneficiado
Comprando no Mercado ao preço doutro dia...

De resto há muito já o Zé se preveniu
Tomou de Economia as magnas lições
E já sabe dizer se um título subiu
Ou quando vai descer na bolsa aos trambolhões
Aquele que à surrealta ele adquiriu
Na tão famosa bicha das subscrições:
Pois tanto capital assim nunca se viu
E cada português já vale dez acções!

Pois cá na nossa é hoje tudo acção
E tudo remexido em renovada vida
Porque o Progresso entrou ovante, de roldão
E fez vibrar a gente há muito amolecida:
Largou o operário o roto macacão
Deixou o lavrador a charrua esquecida
E lá foi cada um comprar à sua acção
Seu quinhão de riqueza, há muito merecida!

Ó milagre do céu, ó coisa nunca vista!
Cada qual descobriu ser nova profissão
O joguinho da Bolsa, o ser capitalista
O possuir dum Banco um avo, uma porção...
Um homem sem acções é tolo ou pessimista
Talhado para a morte ou para a emigração:
Há que ser pertinaz, esperto e realista
Ajudar neste mundo os que já ricos são...

Povo de Guimarães! Nada de ingratidões
Pois tudo há-de vir e ser realizado:
Tão veementes são as nossas orações
Que nem temos no Céu um santo ignorado!
Nada de fazer força e nada de empurrões
Senão lá vai ao chão o caldo entornado:
Se um projecto vai à frente aos tropeções
Outro projecto fica atrás atropelado...

Se quereis que do bolo uma fatia traga
— Se qualquer coisa houver ainda do tal bolo
Que é duro de roer, é duro como fraga
Com um cascão enorme em volta do miolo —
Aguardai mais um pouco a ver se ele se estraga...
Se ele se reduz às formas dum tejolo...
Se dele já comeu a nossa amada Braga...
E se descubro aqui ainda onde pô-lo!

O que não podes ter, é tudo num só tempo
Há que criar recursos e estudar os meios
Ponderar um projecto com discernimento
Construir devagar, à moda dos Correios!
Não vês ali erguido aquele monumento
Robusta construção no betão dos esteios?
Há falta de tejolo e sobra de cimento...
Ainda queres mais? Deixa-te de paleios!

Obras se tu não vês debes andar céguinho
Terás no olho teu real padecimento:
Deves andar na rua muito devagarinho
Não vás cair nas valas do saneamento!
Tu já podes obrar! Obrar meu Zé Povinho
Sem teres do pivete o antigo tormento:
Mas debes sempre obrar com muito cuidadinho
Não vás arrebentar os tubos num momento...

Topas na Conceição grandes escavações
E removida a terra e já rasgado espaço?
Para se construir as mil habitações
Só falta que nos chegue de Lisboa o aço!

Na Oliveira vês da pedra alinhamento
Em obra colossal os arranjos primeiros
Que Dom Afonso teve em régio pensamento
Nunca concretizado à minga de pedreiros!

Olha em Santa Maria as tais demolições
Tão rápidas até, feitas em tempo escasso:
Verás surgir ali num pronto as fundações
De monumentos mil medievais no traço...

Na Costa podes ver em obra acelerada
Numa velha mansão ora reconstruída
O alçado fronteiro da nova Pousada
Que no doirado ano te foi prometida!

O Infantário vês há muito concluído
E se a porta encontras ainda encerrada
E porque se procura um ser evoluído
Que saiba orientar a tua criançada...

Entre outras terras mais tu não sofres desdouro
Se na pocilga infecta abates tua rês:
Faz raiva ver ali o velho matadouro
Mas o novo, garanto, esse é que tu não vês!

Também se inclui no nosso peditório
Dado o surto que vai nas coisas do ensino
Novas instalações para o Preparatório
Noutro prédio qualquer, 'inda que pombalino.

Em nabos e nabijas a Instrução carece
De meter o nariz no sentido mais lato:
Vamos erguer aqui e já a nossa prece
Para abrir da Lavoura a Escola em S. Torcato!

Vai nos meios fabris enorme impaciência
Por se ver do Trabalho a tal Delegação...
O Parque Industrial, Postos da Previdência
Que prometidos foram e construídos não!

E anda por aí um boato no ar
Que até tira o sono ao nosso Magalhães:
Ver erguido e de pé o Quartel Militar
E dar Cavalaria à nossa Guimarães!

Dos Soldados da Paz os sonhos mais fagueiros
Realizados vão com toda a brevidade:
Ultima-se o projecto e o Quartel dos Bombeiros
Virá engrandecer também nossa Cidade...

E crescendo num pronto o ramo ao Castanheiro
Num sonho a florir, a dar castanhas de ouro
A Rodovia vai num lanço derradeiro
Ligar a Creixomil passando ao Matadouro...

E da tal Avenida aberta ao Pevidém
Correndo mesmo ao lado ali de Santo Amaro
Não vamos prescindir porque a Unidade tem
Guitas para abonar, projecto lindo e caro...

O Tournal vai sofrer alteração de imagem
Nesta luta travada anti-polição
E vai deixar de ser Central de Camionagem
Quando a nova Central entrar em construção!

Na Penha do marasmo a brisa continua
Que a Natureza a fez altar de devoção:
O tão falado Hotel transferiu-se p'ra lua
E a Casa de Chá merece compaixão...

E o novo Hospital há-de ser construído
Pois Guimarães é centro em zona hospitalar
Quando o tempo tiver o velho destruído
Acabar a caipora e morrer o Azar!

Se nos falha o «pitrol» e não há gasolina
Para um passeio dar em domingueira tarde
Temos por nós a sorte, a sorte peregrina
De passear a pé no Parque da Cidade!

O Magistério está em plena actividade
E tu o sabes bem, ó biltre que as namoras
Como é frescura e graça a esbelta mocidade
Das nossas tão queridas futuras professoras!

Se pretendes ter tu de Cúpião pilhagem
O coração te pára e sangra o ferimento
Aguarda que já vem a Escola de Enfermagem
E podes lá buscar, amando, o tratamento...

Mas se amar depressa não te força a idade
E na Cultura embebe as setas teu Cúpião
Aguarda um pouco mais que a Universidade
Trará ao teu amor o mais real sentido...

Porém se comedido fores mais astuto
Tiveres paciência, esperança no futuro
Aguarda e pode ser que seja no Instituto
Que encontres afinal o teu amor mais puro...

Se o Amor porém a mente te deforma
E de casar tu sentes ânsia derradeira
Não fies o futuro às pressas da Reforma
Pois casar bem merece a linda costureira!

Depois tua genica e noites de mau sono
Segundo o horoscopo nicolino informa
Trarão nos filhos teus os cobres do abono
E pagos a dobrar conforme manda a norma...

Fatal é o Progresso e nós pedimos messas
A quem connosco já se pretenda medir
E tenha um saco assim tão grande de promessas
Coisas tais no futuro e coisas tais... por vir!

Povo de Guimarães: tu porque reclamas
E andas sempre a ver maleitas na cidade?
Tu queres sempre mais e mandas telegramas...
Tu tens Assembleia, Convívio e Unidade...

Mas cansado de ouvir falar de monumentos
— Desejoso de andar depressa e para a frente —
O Povo resolveu criar «Empreendimentos»
Jogando no futuro a força do Presente!

De tão impaciente o povo construiu
Com força de vontade e cheio de arreganho
Olimpica Piscina! Que assim nunca se viu
Tal pressa de fazer, pressa de tomar banho!

E ela aí está p'ra servir a cidade
Bairrismo em argamassa e força de cimento
Feita por todos nós, esforço de Unidade
Exemplo de Amor, do Povo atrevimento...

Para a Póvoa do Mar mandamos com amor
Duma velha amizade o vigor da mensagem:
Que a «Sopete» faça ali em Vila Flor
Uma linda Pousada ou moderna Estalagem!

Deixemos da cidade as coisas comezinhas
Que a Festa continua, 'inda não acabou:
Não percas tu garota as nossas Maçazinhas
Nem me percas a mim porque também lá estou!

Ao Baile debes ir de perna bem disposta
Sem velhada nenhuma ou roupa p'ra secar:
Se da moderna dança a velhada não gosta
O que vai lá fazer senão incomodar?

Lá fora continua da ONU a chifrineira
Um abre a guerra aqui e outro logo a fecha:
O Kissinger lá anda de cimeira em cimeira
Dando sempre razão a todo que se queixa!

Quando o judeu parou às portas de Damasco
Pisado por mil tanques o solo palestino
Alguém se reuniu a discutir no tasco
Se os povos são ou não senhores do seu destino...

E caridosamente e num sentir profundo
Para alcançar a Paz e garantir-lhe o pão
Armada foi a guerra no terceiro mundo
Trocado o alimento em balas de canhão...

O olho de Dayan não viu a coisa mal
E agora Sadat só um favor lhe pede:
Que deixe transportar para lá do Canal
Uns garrafões de cinco aos árabes com sede.

E o povo sofredor, a criancinha nua
Olhando espavorida a casa destruída
Gostaria de ver estes senhores na Lua
Estrangeiro nariz fora de sua vida!

Gostaria de ver gastar esses milhões
Investidos na Morte em acto repelente
Doados p'ra fazer de estéreis regiões
Vergéis de Amor e Paz num mundo consciente...

Da Paz damos aqui nicolina mensagem
Porque outra guerra temos hoje desabrida:
Mostrar ao mundo todo a nicolina imagem
Do jovem sonhador de maçaneta erguida!

Calem-se nos cafés todos os mandarins
Tricalho comadrio às portas do mercado
Campeões da rasteira e outros beleguins
Que do boato fazem prato refinado...

Calem-se todos já e cessem as medidas
Que fazem entre si tão estranhos senhores
Peritos no saber das manobras escuras
E quais camaleões sempre a mudar as cores...

Calem-se todos sim, o magro ou barrigudo
O malsão do miolo ou tolo declarado
O lustroso careca ou porcalhão lanzudo
Que anda a poluir este ar envenenado...

Se o paleio não cessa a malta aqui fará
Barulho tal que seja o fim da macacada
Que andam a fazer uns tantos que por cá
Não têm por falar tempo de fazer nada!

Daremos do barulho o coro afinado
Capaz de despertar o Povo da Cidade
Que bem merece ver hoje de braço dado
A Câmara que tem e mais a unidade!

Zurzi nas peles tensas acorde magistral
Não fique bombo ou caixa inerte neste dia:
Rebentemos aqui — Berço de Portugal —
A bomba nicolina, A BOMBA DA ALEGRIA!

A. Meiteles Graça

FECIT

Dezembro / 73

TIP. MAIA - GUIMARÃES - 3000 EX. - 1973